



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA  
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
INTERDISCIPLINARES

MAURICIO ALVES BARBOSA

O USO DA LITERATURA DE CORDEL  
NO ENSINO MÉDIO

JOÃO PESSOA - PB

2014

MAURICIO ALVES BARBOSA

O USO DA LITERATURA DE CORDEL  
NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba e Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Eneida Maria Gurgel de Araújo

JOÃO PESSOA

2014

B238u Barbosa, Mauricio Alves.

O Uso da Literatura de Cordel no Ensino Médio  
[manuscrito] : / Mauricio Alves Barbosa. - 2014.

46 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação a Distância , 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Eneida Maria Gurgel de Araújo ,  
Coordenação do Curso de Letras Espanhol - CEDUC."

1. Literatura de cordel. 2. Ensino médio. 3. Aprendizado.

21. ed. CDD 398.5

MAURICIO ALVES BARBSOA

## O USO DA LITERATURA DE CORDEL NO ENSINO MÉDIO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba e Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.



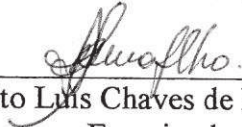
---

Prof. Ms. Eneida Maria Gurgel de Araújo  
Orientadora



---

Prof. Dra. Mônica de Lourdes Neves Santana - UEPB  
Examinadora



---

Prof. Ms. Jailto Luis Chaves de Lima Filho - UEPB  
Examinador

# DEDICATÓRIA

À minha esposa e filhas,  
Pela paciência que têm para comigo.

## AGRADECIMENTOS

À Deus, Sabedoria Eterna.

Aos coordenadores do curso, pelo empenho durante todo o período.

A professora Ms. Eneida Maria Gurgel de Araújo, pelas dicas, dedicação e o apoio dado durante a orientação deste trabalho.

Aos meus colegas de turma, pelo apoio e os momentos de descontrações durante as aulas e eventos.

A minha mãe Luiza, por todo amor e carinho que presta a mim.

A meu pai Severino (in memorian), pelo exemplo de pai, mesmo com suas limitações.

A minha irmã Maria das Dores, por sua ajuda e contribuição.

A minha esposa Marlene e as minha filhas Maria Rita e Jéssica, por fazerem parte da minha existência.

Instrução, manjar divino  
Deus à terra sempre o mande,  
Pois só por meio do ensino  
O homem pode ser grande  
O seu valor vai mostrando  
Lendo, escrevendo, falando,  
Suas ideias expande.

João Martins de Athayde  
(1880-1959)

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar o uso da literatura de cordel no Ensino Médio como uma ferramenta pedagógica e paradidática. A partir da nossa experiência pessoal como professor da disciplina de Filosofia no Ensino Médio da rede pública estadual, percebemos considerável desmotivação e falta de interesse dos alunos deste período escolar. Propomos, portanto, um mecanismo que venha contribuir na tentativa de minorar esta situação. Estamos falando da literatura de cordel que, desde o final do século passado, se instalou no nordeste brasileiro e se modou com características próprias desta região. Percebemos que, já naquela época esta autêntica expressão literária manifestava um papel educativo. Ao ouvir ou ler um folheto, o homem simples do campo conhecia sua realidade humana e social. Ao mesmo tempo que recebia informação, se divertia, formando sua identidade. Acreditamos que a literatura de cordel na sala de aula cumprirá de forma inusitada sua função educacional. Motivando os alunos do Ensino Médio a leitura, a interpretação, enfim, ao aprendizado.

Palavras chaves: literatura de cordel, ensino médio, aprendizado.

## ABSTRACT

This paper aims to present the use of musical literature in high school as a pedagogical tool and Paradidactic. From our personal experience as Professor of Philosophy at the Secondary Level of public schools, we noticed considerable motivation and lack of interest of the students of this school year. We therefore propose a mechanism that may contribute in an attempt to alleviate this situation. We are talking of twine that since the end of last century, settled in northeastern Brazil and modou with unique characteristics of this region literature. We realized that even then this authentic literary expression minifestava an educational role. When you hear or read a brochure, a simple country man knew his human and social reality. While receiving information, amused, forming their identity. We believe Cordel literature in the classroom fulfilled in unusual ways their educational function. Motivating high school students reading, interpretation, finally, to learning.

Keywords: musical literature, high school, learning.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1. HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL.....</b>	<b>11</b>
1.1. As origens do cordel.....	11
1.2. O cordel no Brasil.....	13
1.3. O pai da literatura de cordel brasileira.....	15
1.4. A produção do cordel.....	16
1.5. Principais autores e obras da literatura de cordel brasileira.....	17
<b>2. LITERATURA DE CORDEL.....</b>	<b>21</b>
2.1. O que é literatura de cordel?.....	21
2.2. O ensino da literatura de cordel.....	25
2.3. O Cordel <i>versus</i> Filosofia.....	32
<b>3. PROPOSTA DIDÁTICA.....</b>	<b>35</b>
3.1. A literatura de cordel como incentivo à leitura, transmissão de conhecimento e informação.....	35
3.2- A literatura de cordel na sala de aula.....	36
3.3- Sugestões de como trabalhar a literatura de cordel na sala de aula.....	37
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## INTRODUÇÃO

Há muito que vínhamos alimentando a ideia de produzir um trabalho que abordasse a importância da literatura de cordel na formação da identidade do nordestino, especialmente relacionado ao seu caráter educativo. A oportunidade foi aos poucos se concretizando quando no ano passado deu início o Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares. Com a necessidade de elaborar uma monografia, vimos então à oportunidade de externar nossa preocupação sobre o processo de ensino-aprendizagem dos alunos no Ensino Médio.

Percebemos, a partir da nossa experiência na área da educação, como professor da disciplina de Filosofia em escola pública, que o Ensino Médio vem apresentando um déficit no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Por exemplo, boa parte dos alunos deste período apresenta certa dificuldade com relação ao hábito da leitura. Na primeira série ao ser solicitado para participar da leitura oral na sala de aula, muitos alunos recusam alegando ter vergonha ou que outro poderia executar melhor que ele. O que vemos naqueles que arriscam é uma grande dificuldade de articular as palavras e o ritmo do texto, deixando este incompreensível.

Dada à preocupação vimos como possibilidade mostrar que temos uma “arma” muito forte dentro do nosso meio cultural nordestino. Uma “arma” que pode ser usada como ferramenta pedagógica e paradidática no processo de ensino-aprendizagem dos alunos em curso no Ensino Médio. A ferramenta a qual nos referimos é a Literatura de Cordel.

Consolidada no Brasil no início do século XX, a literatura popular em versos, mais conhecida como Literatura de Cordel, perpassou um longo caminho de construção até chegar ao formato atual. Percebe-se, desde o começo desta autêntica manifestação popular, um apelo à informação e a formação daquele indivíduo que se aproxima dela. A forma, a cadência e a beleza com que a literatura de cordel apresenta, encanta os leitores, da criança ao idoso, de qualquer classe social.

A linguagem compreensível, a simplicidade e a singeleza que expressa, assim como a criatividade dos seus autores levam os seus apreciadores, desde a tenra idade, encontrar um meio para desenvolver e construir sua visão de mundo, sua linguagem e sua personalidade. Isto pode ser verificado na rica produção bibliográfica que trata do tema:

Literatura de Cordel. De como esta chegou ao Nordeste tomou forma e se desenvolveu por todo Brasil. Principalmente, suas características que a torna uma manifestação tão peculiar que faz parte do grande acervo da poesia popular nordestina.

No início do século passado os apreciadores e os autores de Cordel eram, em sua maioria, analfabetos ou semianalfabetos. No entanto os mesmos à medida que, ouvia ou criava os versos e rimas, de que é composto o texto cordelístico, desenvolvia e até mesmo aprendiam a ler.

Diante do problema, acima citado, foram suscitadas questões que motivaram a produção deste trabalho:

a) Como a Literatura de Cordel, no passado, contribuiu para o processo de alfabetização no Nordeste brasileiro? Como se deu esse processo? Quem contribuiu para que isso ocorresse?

b) Qual a importância da literatura de cordel na atualidade? Como utilizá-la para motivar os alunos, no seu processo de ensino-aprendizagem?

O objetivo geral do nosso trabalho é conhecer a história da Literatura de Cordel, sua contribuição no processo da formação da identidade do nordestino e sua importância como ferramenta pedagógica no processo de ensino-aprendizagem.

Como objetivos específicos, temos: esboçar um breve histórico da Literatura desde as origens, passando por suas “crises” e revitalização na atualidade; apresentar a Literatura de Cordel como ferramenta pedagógica para auxiliar o professor nas aulas; e apresentar a Literatura de Cordel como mediadora dos conhecimentos relacionados à disciplina, com a finalidade de motivar o aluno no seu aprendizado.

Por isso, vemos que a Literatura de Cordel pode ser colocada dentro do ambiente escolar como uma forma de aprender, incentivar, motivar a ler. A importância deste hábito já foi colocada por um dos grandes pedagogos do Brasil, Paulo Freire no Texto: A Importância do Ato de Ler. FREIRE (1988, p.11ss) coloca no texto sua própria experiência na descoberta da leitura. Pensamos que, a escola com a Literatura de Cordel tem uma grande ferramenta pedagógica para resgatar o hábito de ler nos alunos durante todo o aprendizado.

A literatura de cordel desde o início do século XX já motivava a prática da leitura como é informada pelo folclorista Luis da Câmara Cascudo no seu livro Os Cinco Livros do Povo. Era comum, as pessoas ajuntarem-se na varanda da casa para ler ou ouvir uma boa história contada em versos populares. Atualmente, escritores cordelistas, como: Marco Haurélio, Arievaldo Viana e Manoel Monteiro, apresentam uma proposta a qual comungamos.

HAURÉLIO (2013, p.149), por exemplo, cita no seu livro, recentemente lançado pela Editora Paulus, *Literatura de Cordel: do sertão à sala de aula*, sobre vários projetos criados por editoras e poetas populares para em lançar obras clássicas no intuito de incentivar a leitura e que, neoleitores venham a conhecer obras primas a partir da Literatura de Cordel.

Também o poeta Viana (2006), com seu projeto *Acorda Cordel na Sala de Aula* mostra que essa grande expressão nordestina pode soerguer o importante hábito da leitura melhorando o desempenho dos alunos durante o processo de aprendizado.

Já o poeta MONTEIRO, pernambucano e residente em Campina Grande, chama o cordel de cordel professor. Com o seu *Novo Cordel*, como chama sua proposta de utilizar o cordel na escola, vem expressando, assim, sua visão de poeta popular e formador de opinião que se preocupa com a formação do seu povo.

A partir de uma pesquisa bibliográfica buscamos informações relacionadas à origem da literatura de cordel, o seu desenvolvimento e a estabilização da Literatura de Cordel no Nordeste brasileiro.

Inicialmente fizemos uma seleção de obras relacionadas ao tema em questão. Mediante a leitura da bibliografia encontrada registramos trechos relacionados ao tema abordado neste trabalho. Mediante esta atividade realizamos a apreciação das abordagens feitas pelos autores pesquisados e finalmente, a produção do trabalho.

O trabalho está dividido em quatro tópicos: A história da Literatura de cordel, onde discorremos sobre as origens do cordel, sua chegada ao Brasil, o seu idealizador no nordeste brasileiro, como também a produção e os principais autores e obras. Em seguida tratamos de definir a literatura de cordel, mostrando sua pedagogia e sua relação com a Filosofia. Depois, apresentamos uma proposta didática com sugestões de várias atividades. Enfim, expomos nossas considerações finais.

Apresentamos, portanto, a Literatura de Cordel como uma ferramenta pedagógica que, assim como outras, pode contribuir no aprendizado, melhorando o desempenho intelectual do aluno. Finalmente, acreditamos que, o Folheto de Feira, como era chamado no passado a Literatura de Cordel pelos nordestinos, foi e pode ser utilizada de uma forma que venha beneficiar o aprendizado no ambiente escolar.

# 1. HISTÓRIA DA LITERATURA DE CORDEL

## 1.1 As origens do cordel

Oriunda da Europa e dos países árabes, a literatura popular em verso, mais conhecida como Literatura de Cordel, perpassou um longo caminho de construção até chegar nos moldes de que se tem na contemporaneidade.

A poesia existe desde o início da história da humanidade. Aos poucos o homem foi vivenciando as suas experiências, transformando-as em poesia. Desde os primórdios da humanidade, o homem já utilizava esta prática como transmissão de sabedoria, expressão das emoções e lazer.

Dos poemas bíblicos, no judaísmo, aos versos vedas, no oriente; dos poemas homéricos, na Grécia Antiga, dos hinos litúrgicos catequéticos, no cristianismo as cantigas dos trovadores, na Idade Média, no Ocidente, todos eles foram manifestações da poesia como transmissão do saber a partir de uma linguagem que fosse entendida por todos.

Diferentemente de outras formas de Literatura, o cordel é derivado da tradição oral. Isto é, surge da fala comum das pessoas, e também das histórias como contadas por elas, e não como fixadas no papel. Assim, como afirma o escritor TAVARES (2005, p. 105):

Antes de serem recolhidos, copiados, revisados e publicados na forma que conhecemos hoje, os poemas épicos de Homero, a *Ilíada* e a *Odisséia*, passaram séculos sendo transmitidos deste modo: pessoas recitavam, pessoas escutavam e iam decorando. Chega um período na história, no entanto, em que a sociedade precisa de versões escritas daquele livro(...)

Na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc, a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI.

Antes do formato brasileiro, a literatura de cordel já havia se manifestado com o romanceiro do Renascimento, quando se iniciou impressão de relatos tradicionalmente orais feitos pelos trovadores medievais, e desenvolveu-se até a Idade Contemporânea.

As cantigas dos trovadores medievais comentavam as notícias da época usando versos, que eles próprios cantavam, frequentemente de forma cômica. "Por volta do século 16, ela era praticada na península Ibérica por meio dos trovadores, que recitavam louvações e galanteios para agradar aos poderosos", SILVA (1999), presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Na Península, a literatura de cordel recebeu os nomes de "pliegos sueltos" (Espanha) e "folhas soltas" ou "volantes" (Portugal). Segundo um dos mais ilustres folcloristas brasileiros, CASCUDO (1979), que escreveu muito sobre a origem da literatura de cordel; em vários ensaios e livros, sobretudo nos seus: "Vaqueiros e Cantadores" e "Cinco Livros do Povo", mostra a vinculação dos folhetos de feira, a partir do século XVII, com as "folhas volantes" ou "folhas soltas", em Portugal, cuja venda era privilégio de cegos, com a devida autorização regente da época.

Os artistas populares começaram a registrar suas falas em folhas soltas, e prendê-las em torno do corpo em barbantes para que as recitassem e, ao mesmo tempo, garantissem as mãos livres para os movimentos.

Na Espanha, este mesmo tipo de literatura popular era chamado de *pliegos sueltos*, denominação que passou também à América Latina, ao lado de *hojas* e *corridos*. Tal denominação é ainda corrente na Argentina, México, Nicarágua e Peru. Estas *hojas* ou *pliegos sueltos*, divulgados através de *corridos*, envolvem narrativas tradicionais e fatos circunstanciais - exatamente como a literatura de cordel brasileira.

Na França, o mesmo fenômeno correspondia à *littérature de colportage* - literatura volante, mais dirigida ao meio rural, através do *occasionnels*, enquanto nas cidades prevalecia o *canard*. Na Inglaterra, folhetos semelhantes aos nossos eram correntes e denominados *cocks* ou *catchpennies*, em relação aos romances e histórias imaginárias; e *broadshides*, relativamente às folhas volantes sobre fatos históricos, que equivaliam aos nossos folhetos de motivações circunstanciais, chamados "folhetos de época" ou "acontecidos".

Também há notícias sobre folhetos de cordel, no século XVII, na Holanda, como nos séculos XV e XVI, na Alemanha. Nesta, os folhetos tinham formato tipográfico em quarto e oitavo de quatro e a dezesseis folhas. Editados em tipografias avulsas, destinavam-se ao grande público, sendo vendidos em: mercados, feiras, tabernas, diante de igrejas e universidades. Suas capas (exatamente como, num dado momento, no Nordeste brasileiro),

traziam xilogravuras, fixando aspectos do tema tratado. Embora a maioria dos folhetos germânicos *fossem* em prosa, outros apareciam em versos, inclusive indicação, no frontispício, para ser cantado com melodia conhecida na época.

Já a respeito dos panfletos holandeses (*pamflet*, em holandês) do século XVII, os temas tratados eram políticos, econômicos, militares, quando não são terrivelmente pessoais. Um relativo à Guiana, então holandesa, relata um crime, no qual estão envolvidos personagens que viveram em Pernambuco. Há em versos, mas a maioria é em prosa, sendo frequente a forma de diálogos ou em conversas entre várias pessoas. Uns só de uma folha; a maioria contém entre 10 a 20 páginas, de tipo gótico. Tudo isso mostra a evidência que, embora tenhamos recebido a nossa literatura de cordel via Portugal e Espanha, as fontes mais remotas desta manifestação estão bem mais recuadas no tempo e no espaço. Elas estão na Alemanha, nos séculos XV e XVI, como estiveram na Holanda, Espanha, França e Inglaterra do século XVII em diante.

O verbete "cordel" apareceu apenas em 1881, registrado no dicionário português Caldas Aulete. Era sinônimo de publicação de baixo valor e prestígio, como as que na época eram vendidas penduradas em cordões na porta das livrarias - esses "varais" de literatura logo caíram em desuso, mas o nome prevaleceu.

A tradição chegou ao Nordeste do Brasil com os colonizadores portugueses e, ao longo dos séculos, adquiriu características próprias. A forma definitiva, em livretos, tem pouco mais de 100 anos. Tudo devido a algumas prensas velhas de jornal. Florescente, principalmente, na área que vai da Bahia ao Maranhão. Esta maravilhosa manifestação da inteligência brasileira merece um estudo mais profundo e criterioso de suas particularidades.

## 1.2 O cordel no Brasil

A literatura de cordel chegou ao Brasil através dos colonizadores lusos, em "folhas soltas" ou mesmo em manuscritos. Mais precisamente, no século XVIII, e aos poucos, foi se tornando cada vez mais popular. Apenas muito mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias no fim do século XIX, a literatura de cordel surgiu e se fixou no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional. Iniciando, assim, as impressões de

folhetos brasileiros, com suas características próprias. A literatura de cordel chegou ao Brasil, portanto, no balaio e no coração dos nossos colonizadores, os portugueses, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do Nordeste.

A pergunta que mais inquieta e intriga os nossos pesquisadores é "Por que exatamente no Nordeste?". A resposta não está distante do raciocínio livre nem dos domínios da razão. A primeira capital da nação foi Salvador, ponto de convergência natural de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro. Na indagação dos pesquisadores, no entanto, há lógica, porque os poetas de bancada ou de gabinete, como ficaram conhecidos os autores da literatura de cordel, demoraram a emergir do seio bom da terra natal. Mais tarde, por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, a literatura de cordel recebeu o batismo de poesia popular. Foram esses bardos do improviso os precursores da literatura de cordel escrita.

A literatura de cordel, a poesia popular escrita, nasce como um gênero literário escrito para o povo e que ao longo dos anos serviu para veicular a informação que algumas vezes era mais rápida que o jornal. O cordel originou-se a partir de relatos orais e depois, popularizou-se na forma "impressa em folhetos", por isso no Brasil ser conhecido também como folheto.

O Brasil iniciou esta literatura impressa no século XIX com características próprias e com temas locais e da época. Além dos temas da época também eram escritas lendas, temas religiosos, fatos históricos, etc. Alguns folhetos chegam a ser pérolas do cotidiano da época. Com isso chamava a atenção de um público que, deleitava-se com as mais variadas histórias de tempos idos. Como descreve bem o folclorista CASCUDO (1979, p. 24):

A ausência de jornais, o isolamento das fazendas e engenhos de açúcar determinavam uma vida familiar mais intensa. Raramente o chefe da casa saía à noite. A dona, filhos, noras, permaneciam fiéis ao serão habitual, candeeiro aceso, depois da "janta", fazendo sono, trabalhando nas obras maneiras, ouvindo a leitura tradicional desses folhetos que vinham de séculos, mão em mão, com seu público inalterável.

O cordel também acompanhou a evolução da língua portuguesa e o da imprensa no Brasil. Na virada do século XX, as redações de jornal e as casas tipográficas eram modernizadas: trocavam a composição manual, em que cada palavra era montada na página, letra por letra, por máquinas de linotipo, que aceleravam a impressão ao usar linhas completas



de uma só vez. Assim, o maquinário obsoleto foi descartado por valores ínfimos, para a alegria dos entusiastas do cordel. "Isso fez com que os versos dos poetas populares nordestinos, que até então eram copiados a mão e passados adiante, pudessem ser transformados em produto industrial e comercial, mesmo que em escala modesta" (TAVARES, 2005).

### 1.3 O pai da literatura de cordel brasileira

O marco inicial do cordel, na forma que entendemos hoje, é o mestre de Pombal, Leandro Gomes de Barros (1865-1918), que mostrou bem a métrica e compasso para o sucesso. Ele foi um dos poetas da literatura de cordel que fez mais sucesso até hoje. Acredita-se que ele tenha escrito mais de mil folhetos. Como afirma o relato abaixo, de CASCUDO (*op. cit.*, p.12):

Não é mais possível nas cidades maiores do Brasil a existência do poeta profissional. No sertão, ou vivendo para o sertanejo, ainda resiste essa figura admirável que as Histórias da Literatura ignoram. Conheci um desses, o velho Leandro Gomes de Barros, 1868-1918. Viveu, com família e decência, exclusivamente de escrever versos, imprimi-los e vendê-los às dezenas de milhares foi autor de mais de mil folhetos com mais de 10.000 edições. Tudo quanto escrevia era imediatamente lido pelo povo. É autor de folhetos sem ocaso na predileção sertaneja e agresteira: Cancão de Fogo, Alonso e Marina, Rosa e Lino de Alencar, Boi misterioso, Sofrimentos de Alzira, Filha do Pescador, João da Cruz, Orfã abandonada, Índia Neci, O príncipe e a fada, tantos, lidos, decorados, cantados permanentemente.

As honras de "pai" da Literatura de Cordel brasileira cabem ao paraibano Leandro Gomes de Barros, que começou a imprimir livretos e alcançou o mérito, digno de poucos poetas, populares ou não, de sustentar a família apenas com os dividendos das centenas de títulos lançados. Como afirma HAURÉLIO (2010, p.20): "(...) Não é absurdo afirmar ser este autor o "pai da Literatura de Cordel brasileira", já que explorou e deu forma a todos os gêneros e temas, preparando, assim, a estrada na qual os vates populares transitam ainda hoje".

Nas raras horas de lazer que a lida da roça proporcionava, as pessoas se reuniam em torno de alguém que soubesse ler, e apreciavam as belas histórias romanceadas por Leandro em versos. Entre outras obras que já ultrapassaram a casa dos milhões de exemplares, como assevera CASCUDO (1979) e são reeditadas há mais de cem anos.

Foi a partir da atuação do mestre Leandro Gomes, nascido no sítio Melancia, então município de Pombal- PB, que surgiram poetas-editores que escreviam, imprimiam e distribuíaam seus próprios folhetos, quando não adquiriam também os direitos sobre as obras de terceiros. Um dos principais empresários do setor foi João Martins de Ataíde, que em 1921 obteve licença para republicar as histórias de Leandro, inicialmente apresentando-se nos livretos como editor e, num segundo momento, como o próprio autor.

Em 1949, Athayde vendeu os direitos de publicação de sua propriedade a José Bernardo da Silva, alagoano que morava no Juazeiro do Norte, Ceará, que tomou a mesma atitude do seu antecessor. Foi Sebastião Nunes Batista, pesquisador da Casa de Rui Barbosa, que conseguiu restituir a autoria a Leandro Gomes (LUCIANO,2012 p.72).

Foi, portanto, o paraibano Leandro, o pioneiro na publicação de folhetos rimados, tendo sido o autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior e “pai” da Literatura de Cordel escrita no Brasil. Ele também foi o maior editor antes de Athayde, que o sucedeu. Pois, devido ao seu vigoroso programa editorial, levou a Literatura de cordel às mais distantes regiões, pelo bem sucedido projeto de redistribuição através dos chamados agentes.

## 1.4 A produção do cordel

Conforme o cordel se popularizou, as evoluções gráficas vieram pelas mãos dos artistas das gerações seguintes: as capas com textos meramente decorativos aos poucos foram substituídas por imagens mais atrativas, como as de cartão-postal e as de estrelas de Hollywood, até que, nos anos de 1950, o folheto alcançasse a sua cara definitiva nos desenhos "rústicos" da xilogravura. No último século, o teor da literatura de cordel jamais parou de se desenvolver. Os versos não abandonaram o tom matuto, o diálogo do sertanejo com suas crenças, suas percepções e seus dilemas cotidianos, embora ao longo das décadas a realidade

do povo nordestino mudasse e muitos autores e leitores partissem, em ondas migratórias, para o centro-sul do país.

Segundo os pesquisadores, CASCUDO (*op. cit.*) e HAURÉLIO (2011) concordam que os folhetos cumpriram o papel de jornal e novela do povo sertanejo, exercendo a função de, ao mesmo tempo, informar e entreter as populações que ainda não haviam sido atendidas pelos serviços tradicionais de comunicação. E é por isso que os mais diferentes episódios e personagens foram transportados para a crônica cordeliana, dos desastres naturais aos embates ideológicos, de figuras como Getúlio Vargas, Lampião e Padre Cícero a Roberto Carlos.

No Brasil, a literatura de cordel é produção típica do Nordeste, sobretudo nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Costumava ser vendida em mercados e feiras pelos próprios autores. Hoje também se faz presente em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. O cordel hoje é vendido em feiras culturais, casas de cultura, livrarias e nas apresentações dos cordelistas.

Atualmente, pesquisadores concordam que o gênero se fortalece pelas facilidades de impressão e distribuição dos exemplares, somadas ao poder de divulgação da internet. E isso sem falar no prestígio que escritores como Jorge Amado, João Guimarães Rosa e Ariano Suassuna conferiram (e ainda conferem) à tradição, por terem usado emprestado da literatura de cordel inspiração para seus universos criativos.

## 1.5 Principais autores e obras da literatura de cordel brasileira

É muito difícil listar os autores e as obras da literatura de cordel. Átila de Almeida, um dos maiores pesquisadores da área, chegou a catalogar cerca de 3.500, segundo LUYTE (2007, p.58). Seguem os principais nomes, com traços biográficos, e as obras relevantes dos poetas que consideramos mais emblemáticos na história da literatura de cordel brasileira:

FIRMINO TEIXEIRA DO AMARAL: Luís Correia (PI), 1926. O mais brilhante poeta popular do Piauí. Mudou-se muito jovem para Belém-PA, tornando-se o principal poeta da Editora Guajarina, de Francisco Lopes. Escreveu a famosa *Peleja de Cego Aderaldo com*

*Zé Pretinho do Tucum*, tida como real, mas ao que tudo indica, foi fruto de sua imaginação. Nesta obra ele criou um novo gênero na cantoria: o trava-língua. Dentre as obras de sua autoria destacam-se: *Pierre e Magalona*, *Bataclã*, *O filho de Canção de Fogo* e *O casamento do bode com a raposa*.

FRANCISCO DAS CHAGAS BATISTA: Teixeira (PB), 1882 – João Pessoa (PB), 1930. Publicou, em 1902, seu primeiro folheto, *Saudades do Sertão*, em Campina Grande, PB. Na década de 1910, trabalhou como carregador de água e lenha e operário da Estrada de Ferro de Alagoa Grande. Por volta de 1911 estabeleceu a livraria Popular Editora, em João Pessoa, PB. Em 1929, publicou: *Cantadores e Poetas Populares*. Entre suas obras poéticas, destacam-se: *A Vida de Antonio Silvino*, *História Completa de Lampião*, *As Manhas de um Feiticeiro* e *A Escrava Isaura*.

JOÃO FERREIRA DE LIMA: São José do Egito (PB), 1902 – Caruaru (PE), 1972. Além de poeta, era astrólogo. Foi autor do mais célebre almanaque popular nordestino, o *Almanaque de Pernambuco*. Em sua obra destacam-se, pelo menos, dois grandes clássicos da Literatura de cordel: *Proezas de João Grilo* e *Romance de Mariquinha e José de Sousa Leão*. Sobre o folheto: As proezas de João Grilo ressalta-se que o mencionado autor o escreveu originalmente em sextilhas, num folheto de oito páginas, intitulado *As palhaçadas de João Grilo* e depois foi ampliado para 32 páginas na tipografia de João Martins de Athayde, pelo poeta Delarme Monteiro.

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE: Ingá (PB), 1880 – Recife (PE), 1959: Trabalhou como mascate e atraído pela febre da borracha, foi para o Amazonas. Retornou ao Nordeste e transferiu-se para Recife, onde fez curso de enfermagem. Em 1921, já com uma boa fortuna, comprou o famoso projeto editorial de Leandro Gomes de Barros, tornando-se o maior editor de literatura de cordel de todos os tempos. Vendo que, os folhetos mais vendidos nas feiras eram de humor ou de pelejas, e tendo especial vocação para duelos verbais, começou esse tipo de produção. Com vasta obra destaca-se a *Peleja de Serrador e Carneiro* e as versões de clássicos da literatura universal, como *Romance de um sentenciado* e *Vingança de um sentenciado* (baseadas em *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas), *O prisioneiro de Zenda*, de Anthony Hope, recriado como *O prisioneiro do Castelo da Rocha Negra*, *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco, *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, e muitos outros.

JOÃO MELCHIADES FERREIRA: Bananeiras (PB), 1869 - João Pessoa-(PB), 1933. Foi sargento do exército, combatendo na Guerra de Canudos e na questão do Acre. É autor do primeiro folheto sobre Antônio Conselheiro e de mais de 20 folhetos, dos quais

destacamos *Romance do Pavão Misterioso, Combate de José Colatino com Carranca do Piauí, Roldão no Leão de Ouro, História do Valente Zé Garcia e A Guerra de Canudos*.

JOSÉ CAMELO DE MELO RESENDE: Pilõezinhos (PB), 1885 - Rio Tinto (PB), 1964. Poeta fecundo, de fértil imaginação, bom em fazer métrica, rima e oração, compôs verdadeiros clássicos da literatura de cordel. Pertence à segunda geração dos grandes poetas populares nordestinos, ao lado de Manoel Camilo dos Santos, Severino Borges e João José da Silva. Sua obra mais famosa, *Romance do Pavão Misterioso*, tem uma história controversa. Segundo os pesquisadores, esse folheto foi escrito originalmente com 40 páginas, em 1923 para ser cantado em suas apresentações. João Melchíades Ferreira, ajudado por Romano Elias da Paz, obteve uma cópia e o reescreveu com apenas 32 páginas, publicando como obra de sua autoria. Consta que José Camelo, desgostoso com o sucesso obtido por Melchíades, rasgou os seus originais. Outros romances de José Camelo, de grande repercussão, foram: *Grandes Aventuras de Armando e Rosa, conhecidos por Coco Verde e Melancia; Entre o amor e a espada, História de Joãozinho e Mariquinha, O monstro do Rio Negro e Pedrinho e Julinha*.

LEANDRO GOMES DE BARROS: Pombal (PB), 1865 – Recife (PE), 1918. É o pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e de muita qualidade, o que lhe confere o título de poeta maior da Literatura de cordel. Deixou um legado aproximadamente de mil folhetos escritos, embora centro cultural algum registre tal façanha. As mais populares são: *O Cachorro dos Mortos, A Donzela Teodora, Cancão de fogo, Alonso e Marina, Rosa e Lino de Alencar, Boi misterioso, Sofrimentos de Alzira, Filha do Pescador, João da Cruz, Orfã abandonada, Índia Neci*, entre outros.

MANOEL CAMILO DOS SANTOS: Guarabira (PB), 1905 – Campina Grande (PB), 1992. Foi cantador na década de 30. Tendo de cantar em 1940, dedicou-se a escrever e editar folhetos. Iniciou as atividades editoriais em sua cidade natal, indo continuá-las em Campina Grande. Fundou a Folhetaria Santos, sede, anos depois, da Estrela da Poesia. Manoel foi membro fundador da ABC (Academia Brasileira de Cordel), onde ocupou a cadeira nº 25, que tem como patrono Inácio Catingueira. Foi autor de mais de 80 folhetos entre os quais: *Antonio Silvino, Autobiografia do poeta, Aventuras de Pedro Quengo, Choro dos nortistas no Rio pau de arara, Descrição da capital João Pessoa, Filho de Zé Garcia, Grande exemplo de São Francisco do Canindé, Grande romance da escrava branca, Grande romance o "Ebrio" e suas canções, História de Lourival e Teresinha, Horrores do nordeste e a solidariedade campinense, Nascimento vida e morte de Jesus, Nascimento, Vida e morte de Maria Santíssima, Palhaçadas de Biu, Sabido sem estudo e Viagem a São Saruê*.

MANOEL D'ALMEIDA FILHO: Alagoa Grande (PB), 1914 – Aracaju (SE), 1995. Grande poeta no gênero romance, publicou seu primeiro folheto em 1936, *A Menina que Nasceu Pintada com as Unhas de Ponta e as Sobrancelhas Raspadas*. Entre 1965 e 1995, trabalhou como selecionador de folhetos de cordel para Luzeiro Editora, em São Paulo. Em 1995 tornou-se membro da ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), no Rio de Janeiro. Escreveu dezenas de folhetos, entre os quais: *Vicente, o Rei dos Ladrões, Vingança e Morte de Corisco, Briga de São Pedro com Jesus por Causa do Inverno, Gabriela e Direito de Nascer e A Afilhada da Virgem da Conceição*.

ANTÔNIO GONÇALVES DA SILVA (Patativa do Assaré): Assaré (PE), 1909 – Assaré (PE), 2002. Quando tinha doze anos, frequentou uma escola muito atrasada, na qual passou quatro meses, porém sem interromper muito o trabalho de agricultor. Saiu da escola lendo o segundo livro de Felisberto de Carvalho e daquele tempo em diante não foi mais a nenhuma escola. Com 16 anos de idade, comprou uma viola e começou a cantar de improviso, glosando os motes que os interessados lhe apresentavam. Principais obras: *A Triste Partida*, musicada por Luis Gonzaga, *O Padre Henrique e o Dragão da Maldade, História de Abílio e o seu cachorro Jupi, Vicença e Sofia ou o Castigo de Mamãe e o ABC do Nordeste Flagelado*.

## 2. A LITERATURA DE CORDEL

### 2.1 O que é literatura de cordel?

De modo geral pode-se definir a literatura de cordel como poesia popular em verso, originalmente oral, e depois impressa em papel comum, expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome que vem lá de Portugal, que tinha a tradição de pendurar folhetos em barbantes.

No Nordeste do Brasil, mesmo herdando o nome, o povo chama esta manifestação apenas de folheto. Pois, a tradição do barbante não perpetuou. Ou seja, o folheto brasileiro poderia ou não estar exposto em barbantes.

São escritos em forma rimada. As estrofes mais comuns são as de seis, oito ou dez versos. Com formato de livreto, e número de páginas variadas, alguns folhetos têm suas capas ilustradas com vinhetas, desenhos, fotografias ou xilogravuras.

Os autores, chamados de cordelistas, recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

O cordel é um grande texto oral e escrito ao mesmo tempo, porque ele é feito para ser lido em voz alta, e que se constitui basicamente de dois aspectos: do relato mítico, ancestral, que conta histórias de princesas, de cavalaria, de encantamento, de heróis, etc., e que dialogam intimamente com questões ligadas à Idade Média. Por outro lado, o cordel também faz o relato do que acontece, como por exemplos: da queda das torres gêmeas nos Estados Unidos, da CPI do mensalão, de um desastre, de um campeonato de futebol, o que funciona como uma forma de jornalismo popular. Como fazem a poetiza e professora aposentada Maria José de Sousa Soares, de Caldas Brandão e o poeta José Pedro de Lima (o índio), de João Pessoa.

A literatura de cordel apresenta algumas características particulares que são importantes para serem colocadas em destaque. As principais características da literatura de

cordel são: apresentação material; produção; comercialização; narrativa; estrutura poética; público e classificação.

#### A) Apresentação material

Os textos são publicados em livretos fabricados praticamente de forma manual pelo próprio autor. Eles têm geralmente 8 páginas mas podem ter mais, variando entre 8, 16, 24, 32, 48 e até 64 . Os de 8 e 16 páginas são chamados de folhetos, os de 24 e 32 de romances e os de 48 e 64 histórias. Sendo estes mais populares no passado. O tamanho dos livretos medem 11x16cm. A capa é ilustrada com desenho, foto ou então a chamada xilogravura. No passado as capas só continham uma vinheta ornamentando o título e o nome do autor.

#### B) Produção e tiragem

Inicialmente os folhetos eram impressos em tipografias de jornal ou em tipografia que faziam serviços gráficos diversos. Depois a impressão de folhetos passa a ser feita exclusivamente em tipografias de poetas populares. Hoje com as novas tecnologias temos os diversos meios de produção, tornando cada vez mais rápida a publicação e diversificando a quantidade editada. Enquanto que, a tiragem normalmente era de 1.000 exemplares, chegando até 2.500 exemplares dependendo do título. Novas tiragens eram feitas dependendo do resultado das vendas. As editoras que publicam os cordéis atualmente continuam com o mesmo esquema. No entanto, os livretos de 48 e 64 não estão sendo produzidos.

#### C) Comercialização

Outra característica importante é a forma com que são vendidos. Os folhetos são expostos pendurados em barbantes em feiras, praças, portas de lojas, calçadas de igrejas e tantos outros lugares onde a circulação de pessoas é grande. No Nordeste são vendidos em bancas, mas estiveram também em lonas ou malas de couro. E ali são vendidos a preços acessíveis. Os preços variam segundo a quantidade de páginas. A editora Tupynanquim, por exemplo, apresenta a seguinte tabela de preços: folhetos de 8 páginas: R\$ 1,50; folhetos de 16: R\$ 2,00 e romances de 24 e 32 páginas: R\$ 3,00.

#### D) Narrativa

Os romances de cordel possuem alguns traços comum quanto à narrativa. Podendo destacar: as descrições dos personagens em cena e os monólogos com queixas, súplicas, rogos e preces por parte do protagonista; têm como ponto central uma problemática a ser resolvida através de inteligência e astúcia para atingir um objetivo.

É comum a intriga envolver jovens que enfrentam problemas na escolha de seus companheiros, em relações familiares extremamente hierarquizadas. Objeção, proibição do



namoro, noivados arranjados são algumas das dificuldades que impedem o jovem casal apaixonado de ficar junto ao longo do romance. Ao fim de tudo, o herói será exaltado e os opositores humilhados. Se assim não for, haverá outro meio de equilibrar a situação, que durante quase toda a narrativa permaneceu desfavorável ao protagonista.

#### E) ESTRUTURA POÉTICA: métrica, rima e oração

A métrica é a arte que ensina os elementos necessários à realização de versos medidos. Sistema de versificação particular a um poeta. Contagem das sílabas de um verso. Verso é a linguagem medida. Para medir devemos juntar as palavras em número prefixado de pés. Chama-se pé uma sílaba métrica. O verso português pode ter de duas a doze sílabas. Os mais comuns são os de seis, sete, oito, dez e doze pés. Veja a métrica num verso de sete pés:

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o sabiá  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.

Eis como se contam as sílabas: Mi | nha | ter | ra | tem | pal | mei |

A rima é o som igual do final das palavras que alternam nos versos. São chamadas de consoantes as rimas que se conformam inteiramente no som desde a vogal ou ditongo do acento tônico até a última letra ou fonema. Exemplo: fecundo e mundo; amigo e contigo; doce e fosse; pálido e válido; moita e afoita. Já as toantes são aquelas em que só há identidade de sons nas vogais, a começar das vogais ou ditongos que levam o acento tônico, ou, algumas vezes, só nas vogais ou ditongos da sílaba tônica. Exemplo: misterioso, corajoso e orgulhoso, como vemos na sextilha (estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas):

1º Eu/ vou/ con/tar/ uma/ his/tó/ria  
2º De um pavão misterioso  
3º Que levantou vôo na Grécia  
4º Com um rapaz corajoso  
5º Raptando uma condessa  
6º Filha de um conde orgulhoso.

Os poemas em cordel seguem regras de métrica e rima inescapáveis, sem elas não se faz um cordel. Além da sextilha, que na sua maioria é escrito o cordel, temos: setilha (estrofe de sete versos), Décima (estrofe de dez versos), Martelo agalopado (estrofe de dez versos com dez sílabas poéticas), e Galope à beira-mar (estrofe de dez versos com onze sílabas poéticas).

A oração, para os poetas, é aquilo que dá sentido ao texto. Pode está relacionada à fluência, mas, também, pode ser sinônimo de verossimilhança. É a coerência, encadeamento, coordenação, precisão, objetividade e fidelidade ao tema.

#### F) Público

No início do século passado a maioria da população nordestina, sobretudo no campo, era constituída por analfabetos. Com o aparecimento da literatura popular em verso impressa foi possível à difusão a um público de auditores. Por serem escritos em verso facilitava a memorização dos mesmos (TERRA,1983). Daí que esta literatura atraía o povo humilde e simples da cidade e do sertão nordestino. Não com a mesma frequência o cordel continua atraindo, não só o homem do campo, mas estudiosos, professores e alunos de escolas e universidades.

#### G) Classificação

No tocante à classificação da literatura de cordel, parece-nos necessário evocar algumas sugestões propostas por estudiosos e pesquisadores da cultura popular. Apresentamos as de Ariano Suassuna; Liêdo Maranhão e Cavalcanti Proença:

O escritor SUASSUNA, opta por uma classificação sintética:

1. Poesia improvisada.

2. Poesia de composição:

a) ciclos: heroico; do maravilhoso; religioso e de moralidade; cômico, satírico e picaresco; de circunstância e histórico; de amor e fidelidade.

b) formas: romances; canções; pelejas; abecês.

Enquanto que, MARANHÃO (1976), baseando-se na divisão entre folhetos e romances, adotada pelos próprios poetas e editores, propõe o seguinte:

1. Folhetos: de conselhos; de eras; de santidade; de corrupção; de descarração; de profecias; de gracejo; de acontecidos; de carestia; de exemplos; de fenômenos; de discussão; de brigas; de bravuras ou valentia; de ABC; de Padre Cícero; de Frei Damião; de Lampião; de Antônio Silvino; de Getúlio; de política; de safadeza; de propaganda.

2. Romances: de amor; de sofrimento; de luta; de príncipes, fadas e reinos encantados.

Já um grupo de pesquisadores, patrocinados pela Fundação Casa de Rui Barbosa e sob a orientação de PROENÇA (1977, p.46), elaborou outra classificação, que é considerada “clássica” e tomada sempre como modelo pelos pesquisadores e estudiosos do assunto:

I. Herói humano: 1. Herói singular; 2. Herói casal; 3. Reportagem (crimes, desastres, etc.); 4. Política;

II. Herói animal;

III. Herói sobrenatural;

IV. Herói metamorfoseado;

V. Natureza: 1. regiões; 2. fenômenos;

VI. Religião;

VII. Ética: 1. sátira social – humorismo; 2. sátira econômica; 3. exaltação; 4. moralizante;

VIII. Pelejas;

IX. Ciclos: 1. Carlos Magno; 2. Antônio Silvino; 3. Padre Cícero; 4. Getúlio; 5. Lampião; 6. Valentes; 7. Anti-heróis; 8. Boi e cavalo;

X. Miscelânea: 1. Lírica; 2. Guerra; 3. Crônica – descrições.

Atualmente, os estudiosos preferem não arriscar nas classificações temáticas, por julgá-las redutoras.

Como vemos a literatura de cordel apresenta vários aspectos interessantes e dignos de destaque. As suas xilogravuras, representam um importante espólio do imaginário popular. Pelo fato de funcionar como divulgadora da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais, a literatura de cordel é de inestimável importância na manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, contribuindo para a perpetuação do folclore brasileiro. Por poderem ser lidas em sessões públicas e de atingirem um número elevado de exemplares distribuídos, ajudam na disseminação de hábitos de leitura e lutam contra o analfabetismo. Além disso, a tipologia de assuntos que exigem crítica social e política e textos de opinião elevaram-na ao estandarte de obras de teor didático e educativo.

## 2.2 O ensino da literatura de cordel

O folheto de literatura de cordel brasileiro teve no passado e até os dias de hoje um papel fundamental na formação do homem simples e humilde. Chegando não só a influenciar aquele, como também, a grandes personalidades da literatura, da música, do cinema, da política e da educação.

Com isso, se vê, de modo particular, a contribuição que a literatura de cordel deu no passado e pode continuar dando. Desde que conheçamos sua história e reconheçamos que ela é importante para a formação intelectual do homem nordestino, assim como no passado, quando serviu como veículo de transmissão de notícias e de informação. Poderíamos dizer, também, de conhecimento. Isso nas horas de lazer ou descanso, como fazem hoje os jornais televisivos, as novelas, os filmes e programas de auditório

Certamente, como é dito por vários estudiosos no assunto, a literatura de cordel, ou o folheto de feira como ficou conhecido no Nordeste brasileiro, contribuiu muito no processo de alfabetização de muitos nordestinos no passado. Muitos aprenderam a ler, lendo os simples e rústicos livrinhos. Com o ritmo cadenciado, com um aspecto lúdico, os folhetos de cordel aproximaram pessoas que queriam ouvir histórias, e foram: a escola de alfabetização para a população do sertão nordestino.

Compartilham com essa proposta o escritor, o estudioso do folclore e cordelista, Marco Haurélio, nas obras: *Breve História da Literatura de Cordel* e *Literatura de Cordel: do sertão a sala de aula*; o poeta cordelista Arievaldo Viana com o projeto *Acorda Cordel na Sala de Aula* e o poeta veterano no ramo do cordel, Manoel Monteiro com o seu *Novo Cordel*.

### 2.2.1 A contribuição da obra de Marco Haurélio

O poeta e folclorista Marco Haurélio nasceu na localidade Ponta da Serra, município de Riacho de Santana, sertão da Bahia, aos 05 de julho de 1974. Desde muito cedo entrou em contato com a literatura de cordel, escrevendo a primeira estória com apenas seis anos de idade. Hoje, Marco Haurélio é uma das grandes referências nacionais da literatura popular, como poeta ou estudioso da mesma. Ministra palestras e realiza oficinas sobre cordel e cultura popular. Mantém o blog [Cordel Atemporal](#). E atualmente coordena a coleção: *Clássicos em Cordel*, da editora Nova Alexandria.

Com bibliografia vastíssima, o escritor do sertão baiano, Marco Haurélio, na infância brincava de ser cordelista. E o que era brincadeira, tornou-se algo sério. Hoje ele é referência como escritor e estudioso em literatura popular. Morando atualmente em São Paulo

não deixa de frisar que tem as raízes no sertão. Como poeta voltado para o universo da literatura de cordel e pesquisador da cultura popular brasileira relata em varias de suas obras que a experiência inicial de leitor foi com o cordel. Mesmo antes de saber ler, já o ouvia na bela voz de sua avó, Luzia Josefina, que sabia vários textos de memória. Havia uma gaveta de um armário, onde ela guardava os clássicos do cordel da editora Prelúdio/Luzeiro e de tipografias nordestinas. Também gostava de ouvir os contos tradicionais e os romances ibéricos, preservados por sua prodigiosa memória. Aos nove anos ele leu, numa versão adaptada, *As Viagens de Gulliver*, de Swift. Nessa época ele já criava algumas histórias em cordel, escrevia contos tradicionais e desenhava uns quadrinhos toscos, depois vendidos a colegas de escola.

Com o passar do tempo, dedicou seu tempo a outras searas do fazer artístico e da pesquisa. E, além do cordel, escreveu artigos e ensaios em outras áreas, como História, Antropologia e Filosofia. Alicerçou seus estudos sobre o Folclore, dedicando especial atenção ao conto popular. Ele confessa que foi influenciado por duas pessoas por ter trilhado esta senda, da literatura popular. A primeira foi sua avó, D. Luzia, considerada por ele a melhor professora que já teve. A outra é o folclorista, historiador e etnógrafo Luís da Câmara Cascudo.

Marco Haurélio tem contribuído bastante para com a literatura popular e o estudo do folclore brasileiro. Haja vista as obras que vem lançando nos últimos anos e sua participação em projetos ligando a literatura popular e a educação. Por exemplo: *Contos Folclóricos Brasileiros*, *Contos e Fábulas do Nosso Folclore*, *Meus Romances de Cordel*, *Breve História da Literatura de Cordel*, *Antologia do Cordel Brasileiro* e *Literatura de Cordel: do sertão para à sala de aula*.

Com relação à participação de Marco Haurélio em projetos, o mesmo é co-fundador da Caravana do Cordel. O projeto surgiu das discussões que os cordelistas faziam com o intuito de ampliar mais ainda os horizontes do cordel em São Paulo. Os fundadores são, além dele, os poetas: João Gomes de Sá, Varneci Nascimento, Costa Senna, Nando Poeta, Pedro Monteiro e Cacá Lopes.

A primeira apresentação da Caravana do Cordel aconteceu em Guarulhos, em 2008, num evento chamado Salão da Literatura de Cordel, coordenado pelo poeta João Gomes de Sá. A partir de julho de 2009, a Caravana passou a se apresentar no Espaço Cineclubista da Rua Augusta. A partir daí, com grande presença de público, seus membros se dividiram em muitas atividades, algumas delas realizadas em outros estados.

Em suas várias apresentações foram homenageados poetas como Leandro Gomes de Barros, Antônio Teodoro dos Santos e Chagas Batista. Segundo ele, a Caravana, não é apenas um grupo de poetas, mas um movimento. Mais do que isso, um conceito. Tanto que escreveu um texto sobre o movimento reproduzido no livro *Acorda Cordel na Sala de Aula*, organizado por Arievaldo Viana e dedicou um espaço privilegiado no seu livro *Breve História da literatura de cordel*.

Além do trabalho literário, as palestras e projetos, Marco Haurélio mantém o blog Cordel Atemporal, que não apenas divulga seu trabalho, mas tudo que se refere à Literatura de cordel e à cultura popular. O Cordel Atemporal é um espaço abrangente que vai além do trabalho do poeta e escritor. É uma ponte para outras manifestações culturais, como o cinema o teatro e as artes plásticas. O conteúdo do blog abrange resenhas, indicações de leituras, ensaios e informações do universo do cordel e da cultura popular.

### 2.2.2 Projeto: Acorda Cordel na Sala de Aula de Arievaldo Viana

Arievaldo Viana Lima, poeta popular, radialista e publicitário, nasceu em Fazenda Ouro Preto, Quixeramobim-CE, aos 18 de setembro de 1967. Segundo ele mesmo relata no seu livro projeto (VIANA, 2005), morava em uma localidade no interior de Quixeramobim-CE, onde não existia energia elétrica, nem acesso à televisão ou rádio. Assim, para divertir os netos, sua avó lia folhetos de cordel todos os dias depois dos afazeres domésticos, à luz da lamparina. Assim, ele mesmo descreve, com um semblante que transparece orgulho e gratidão, a forma como fora alfabetizado pela avó, Alzira de Sousa Lima, com a ajuda fundamental da literatura de cordel, isso ainda no começo da década de 70 do século passado, quando Arievaldo tinha por volta dos seis anos de idade.

Não demorou muito para o neto de d. Alzira, que detinha uma memória privilegiada, se transformasse na principal atração da localidade onde morava e onde o avô, Manoel Lima, dono de uma bodega, o colocava em cima do balcão para ele contar em verso *As proezas de João Grilo* ou a *Chegada de Lampião ao Inferno*, enquanto a clientela do avô se divertia.

A criança cresceu e hoje o reconhecido poeta popular, radialista, ilustrador e publicitário, Arievaldo Viana diz não imaginar, na época, que a avó estava plantando uma semente hoje colhida em diversas salas de aula de todo o Brasil.

Sabendo da importância do cordel no processo de alfabetização, Arievaldo há mais de dez anos vem disseminando o projeto: *Acorda Cordel na Sala de Aula*, buscando com ele a revitalização e utilização do gênero como ferramenta paradidática na alfabetização de crianças, jovens e adultos, além de sua utilização nas classes do ensino fundamental e médio.

O projeto de Arievaldo foi pioneiro e vem sendo apresentado em diversos estados do Brasil, como Tocantins, Acre, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Ceará, Minas Gerais e São Paulo, entre outros. A forma é simples. Como ainda não faz parte da grade curricular das escolas, Arievaldo teve a ideia de levar o cordel às salas de aula através de palestras e oficinas que são realizadas em escolas que adotam o kit, formado por:

- Uma caixa contendo 12 folhetos de cordel de diversos autores;
- O livro principal que explica o projeto e ensina como se fazer um cordel;
- E, finalmente, um CD com 10 poemas e canções interpretados pelo autor e cantadores como Mestre Azulão, Geraldo Amâncio, Zé Maria de Fortaleza e Judivan Macêdo.

Nos folhetos que acompanham o kit, podem ser vistos diversos trabalhos já reconhecidos de autoria de poetas contemporâneos bem como de nomes tidos e havidos como clássicos da literatura de cordel. O livro *Acorda Cordel na Sala de Aula* já está na segunda edição, tendo cerca de 4.000 exemplares vendidos. Todo esse material é levado para distribuição durante as palestras e oficinas ministradas por Arievaldo, além do trabalho de capacitação para os professores que passarão a adotar o material.

O cordel, apesar da resistência de alguns pedagogos, constitui uma importante ferramenta de auxílio na Educação, principalmente no Nordeste, onde a linguagem e o cenário utilizado nos folhetos são reflexos da cultura nordestina. Viana (*op. cit.*), em um texto que faz parte do livro *Acorda Cordel Na Sala de Aula*, lembra que Paulo Freire já defendia que o aluno precisa ler sobre coisas que fazem parte da sua realidade, e o cordel traz essa realidade.

É comum encontrar nordestinos que tiveram o primeiro contato com os grandes mestres da literatura mundial através de adaptações para o cordel, como é o caso do *Romance de um Sentenciado*, do paraibano João Martins de Athayde, que nada mais é do que a adaptação do clássico *O Conde de Monte Cristo*. Arievaldo confessa que até mesmo na literatura brasileira, como o romance *Iracema*, do cearense José de Alencar, foi lido por ele primeiramente em uma adaptação para o folheto de cordel.

Segundo dados do IBGE, no início do século XX, entre 1900 e 1920, mais de 85% da população nordestina era analfabeta. Porém, nessa mesma época o cordelista João Martins de Athayde vendeu mais de 100 mil folhetos do *Pavão Misterioso* em apenas seis meses. Arievaldo Viana acredita que essa foi a época em que o nordestino mais leu, apesar dos altos índices de analfabetismo, pois o cordel tinha o poder de massificação dentro dessa camada social. Segundo Viana, o analfabeto, mesmo sem saber ler, fazia questão de ir às feiras comprar o cordel e levar para um vizinho ou um parente que era alfabetizado ler para toda a família. Assim, ficava aquela roda de pessoas prestando atenção nas histórias e desventuras trazidas pela literatura de Cordel.

O cordel, portanto pode sim ser uma ferramenta bem poderosa de auxílio na educação, principalmente por ser algo que prende a atenção das crianças e jovens, em linguagem de fácil compreensão, mas também é preciso ser utilizado de forma correta, sabendo escolher os cordéis adequados. Um indicativo de que a fórmula lançada por Arievaldo deu certo está na constatação de que depois que ele divulgou o *Acorda Cordel na Sala de Aula*, outros inúmeros projetos semelhantes foram lançados, como a *Caravana do Cordel*, realizada por um grupo de nordestinos que moram em São Paulo, citado no tópico anterior.

Com a experiência que adquiriu levando o seu projeto para diversas localidades do Brasil, o cordelista ressalta que a receptividade dos alunos é a melhor possível. As oficinas são muito proveitosas. E que, aos poucos o cordel vem ganhando espaço dentro do Ministério da Educação (MEC), prova disso é que desde 2005 o Programa Nacional da Biblioteca Escolar vem adquirindo livros da literatura de cordel para que esses possam fazer parte do acervo das escolas. Livros de Arievaldo como *A Raposa e o Cancão*, da editora Imeph, e *A Ambição de Macbeth* e *a Maldade Feminina*, editora Cortez, e o Bicho Folharal são exemplos de trabalhos adotados pelo MEC, sendo direcionado ao público infantil, que esteja iniciando o processo de alfabetização.

Para o poeta Arievaldo Viana, atualmente o cordel está sendo respeitado e reconhecido no Brasil inteiro como uma literatura, como uma escola literária e não apenas como peça folclórica, algo que era visto de forma discriminada ou como uma poesia menor, como era tida no passado. Como resultado da sua luta já tem a conquista do reconhecimento da Literatura de Cordel e do Repente Nordestino como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e, também, o reconhecimento da profissão de poeta popular.



### 2.2.3 O poeta Manoel Monteiro e o Novo Cordel

Em Campina Grande, o poeta pernambucano Manoel Monteiro da Silva reapareceu no cenário da Literatura de Cordel, enxergando os novos horizontes que vislumbravam para a poesia popular do Nordeste, e utilizou a expressão Novo Cordel, para se referir a uma produção atualizada, rompendo com a temática tradicional, ligada aos contos populares.

Monteiro concorda que se deve resgatar e preservar a cultura regional, sobretudo entre as crianças, os jovens, e as pessoas em geral, para criar uma familiaridade e uma maior articulação entre cultura e sociedade com ações comuns que irão, através da arte, multiplicar e desenvolver o interesse por este potencial artístico-cultural ainda muito pouco conhecido. Por isso que defende a introdução do cordel nas escolas como mecanismo de educação e valorização da cultura regional:

O certo é que tanto faz utilizar nas séries iniciais, como no Ensino Médio ou até mesmo nas universidades, o folheto sempre irá despertar interesse. O que a gente quer é “viciar” o aluno a gostar de ler. Se ele gosta de ler um folhetinho, depois lê um romance, dois, três... Até o dia em que vai enveredar por outras leituras. E, quem lê, sabe! (VIANA apud MONTEIRO, 2005 p. 29).

Sua proposta, denominada de o *Novo Cordel*, significa a união dos conhecimentos pós-modernos e acontecimentos da atualidade com a poesia, aplicada no sistema público de ensino, o que transformaria a arte num ato curricular educacional. Certamente este é um caminho que contém difícil de ser percorrido, mas estes podem ser os primeiros passos para a jornada se iniciar.

O trabalho de Monteiro tem rendido frutos. As obras de Leandro Gomes de Barros, *História da Donzela Teodora* e o *Cachorro dos Mortos*, e de José Camelo de Melo Resende, *O Pavão Misterioso*, foram indicadas para o Vestibular da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), entre 2006 a 2008.

## 2.3 O CORDEL *VERSUS* FILOSOFIA

Diante da dificuldade cada vez mais latente, no processo de ensino-aprendizagem, refletida nos educandos no Ensino Médio, o professor se vê diante um problema quase sem solução. Cabe ao professor, no entanto, desejoso de encontrar uma saída indagar: O que fazer? Eis a questão em qualquer disciplina. Colocando o cordel como uma ferramenta que venha auxiliar na mediação dos conhecimentos, levando o educando a ter uma atitude crítica da realidade na busca de sua formação integral, o professor de Filosofia é impelido a fazer aquilo que lhe é próprio: perguntar. A fazer a seguinte interrogação: Como abordar Filosofia através da Literatura de Cordel?

Uma proposta inicial é refletir sobre a filosofia nos folhetos de cordel. Como consideração inicial se poderia afirmar que a poesia é filosofia em versos e a filosofia seria a poesia em prosa. Ao falar de literatura de cordel estamos falando em poesia, e podemos perceber que na Filosofia há um pouco de cordel, pois na sua origem a Filosofia era expressa na forma de poesia, em versos. Desde tempos imemoriais a poesia tem sido a forma mais utilizada para se expressar, especialmente na carência de uma literatura escrita, enquanto ela é uma forma de mnemotécnica, ou seja, uma técnica de memorização eficaz, além é claro do caráter estético que nela se apresenta que lhe dava uma aura de divina.

Um exemplo deste caráter divino da poesia pode ser constatado na invocação das musas, rotina sempre presente na literatura de cordel, mas que remonta a Homero, na *Iliada* e *Odisséia*, e Hesíodo, na *Teogonia* e em *Os Trabalhos e os Dias* (PROENÇA, 1976 p. 25). As primeiras grandes obras poéticas da tradição ocidental que tem sua origem na Grécia antiga. No Canto I da *Iliada* lemos: “*Canta ó musa, a ira de Aquiles filho de Peleu...*” como nos reporta BRITO (2010, p.23).

Em relação à importância da expressão poética na antiguidade e sua relação com a Filosofia nos diz ARISTÓTELES (2004, p.38), em sua *Poética*: “*Entretanto nada de comum existe entre Homero (poeta) e Empédocles (filósofo) salvo a presença do verso.*” A partir deste texto, percebemos que o verso era a linguagem comum tanto da poesia quanto da filosofia, e ARISTÓTELES exalta o caráter racional e universal da poesia, quando diz, em outro trecho: “*Por tal motivo a Poesia é mais filosófica e de caráter mais elevado que a História, porque a Poesia permanece no universal e a História no particular*”.

Com isso, podemos ver claramente que há algo que aproxima a racionalidade filosófica da poesia e vice-versa, é isto que faz com que o cordel, enquanto poética popular, que carregue em si os germes da reflexão filosófica na sua busca de expressar o real em sua complexidade. Pode-se dizer que os grandes poetas marcam com suas obras a genialidade do pensamento, entre eles destacam-se ainda mais aqueles que poeticamente filosofam. Diante disso tudo e sabendo que a poesia tem uma ligação com a filosofia e pode expressar ideias e reflexões filosóficas, aproximasse a pergunta: Já que a filosofia agora se tornou obrigatória em todas as escolas do país, seria possível ensinar filosofia com cordéis? Uma vez dispondo de uma biblioteca de cordéis na escola poderia o professor de filosofia utilizar-se dos mesmos e levar os alunos à reflexão por meio deles?

Os folhetos de cordel trazem uma imensa gama de questões a serem elaboradas e desenvolvidas num espaço coletivo de reflexão, a qual permitiria aos educando um espaço democrático de debate e investigação das implicações contidas nas narrativas estudadas. O cordel é uma ferramenta incrível para levar o educando ao conhecimento da sua cultura, de suas raízes, mas pode ser mais que isso, ele pode levá-lo a uma reflexão crítica de suas ideias e ideais, dos costumes, das concepções e ideologias presentes no processo formativo e do pensamento do homem simples que expressa em seus poemas às realidades mais complexas da condição humana.

Por isso, considera-se que a Filosofia pode e deve ter no cordel, especialmente aqui no Nordeste, mais um aliado em seu trabalho incansável de levar os homens ao conhecimento de si e a problematização das falsas verdades e certezas impostas pelo neoliberalismo, pela tradição e pelos meios de comunicação de massa. Com a Literatura de Cordel aliada a Filosofia, esta amplia a possibilidade de transformar os educando de meros zumbis teleguiados e dependentes de celulares e outras parafernalias modernas em pessoas capazes de pensar por si, de investigar o mundo que os cerca, de criticar as falsas verdades impostas, de denunciar os desmandos da política, de se manifestar e contribuir para transformar a realidade.

É prova de tudo que defendemos neste trabalho, o que vem sendo posto em prática pela professora Simone Marinho. Envolvida em diversos projetos da UEPB, esta paraibana driblou muitos preconceitos e hoje usa os recursos de sua região para disseminar a Filosofia.

Titular da Universidade Estadual da Paraíba e colaboradora do programa de mestrado em Filosofia da UFPB, a referida professora é líder do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Filosofia Medieval (Principium/UEPB/CNPq). É também membro da Sociedade

Brasileira de Filosofia Medieval (SBFM) e da *Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale* (SIEPM).

Simone Marinho encontrou uma forma de aproveitar a famosa Literatura de Cordel para levar Filosofia aos alunos que estão se alfabetizando. Ela coordena o projeto Filosofando em cordel que objetiva levar aos alunos da Educação Básica, a partir de uma literatura bastante rica e de interesse comum no Nordeste, e utilizando pontos de contatos com os seus estudos, os temas e abordagens filosóficas. O desejo dela é apresentar temas filosóficos de forma que represente parte da identidade nordestina, já que o cordel é uma grande tradição no estado da Paraíba. É assim que contribui para a introdução da Filosofia aos alunos do Ensino Médio.

Em entrevista a Carolina Desoti na Revista Filosofia da Escala Educacional (2012, p. 07), Simone Marinho explica o projeto:

Trata-se, na verdade, de uma equipe formada pelos alunos do Curso de Filosofia do 4º ano, do período noturno. Nesta turma, há uma aluna, Sílvia Teodulino, que é cordelista e que tem apresentado, em eventos de Filosofia e de Educação, as suas pesquisas sobre o cordel, muitas vezes, de forma metalinguística. Sílvia é a responsável pela parte mais difícil do projeto: fazer os cordéis. Os demais alunos são responsáveis pela pesquisa do assunto que será abordado no cordel. Há, também, um apoio “especializado” do poeta, cordelista e cantador, Afrânio Gomes de Brito, que muito gentilmente aceitou o meu convite para fazer parte da equipe.

A ideia inicial do seu projeto era de produzir cordéis sobre a História da Filosofia (Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea) e depois sobre temas filosóficos. O projeto teve início em 2011, entretanto, por causa do envolvimento da professora numa série de outros projetos, não houve avanço. Ela deseja apresentar temas filosóficos de uma forma que representa parte da identidade nordestina posto que o cordel tenha uma grande tradição no seu Estado de origem, sobretudo em Campina Grande. Além disso, a professora Simone Marinho pretende elaborar um material didático alternativo para alunos e professores de Filosofia do Ensino Médio, resgatando, ao mesmo tempo, um pouco da Cultura Nordestina. Isto, sem desmerecer ou abandonar os outros materiais didáticos existentes, sobretudo as fontes primárias filosóficas que, embora não possam ser dadas na sua totalidade, podem e devem ser utilizadas pelos professores de Filosofia no Ensino Médio.

### 3. PROPOSTA DIDÁTICA

#### 3.1- A literatura de cordel como incentivo à leitura, transmissão de conhecimento e informação.

Diante dos desafios didáticos pedagógicos, buscamos textos de fácil compreensão, para despertar nos alunos o gosto pela leitura. Neste mesmo intuito esperamos que os alunos ao terem contato com essa leitura sintam entusiasmo e busquem outras literaturas.

Entendemos que a construção de leitores críticos e conscientes se dá em um processo lento e gradativo. O leitor iniciante através dos textos de Cordel sente-se capaz de ler e concluir a leitura, pois os mesmos oferecem essa possibilidade por serem de fácil compreensão e falam da realidade de quem os lê.

Para FREIRE (1988, p.11ss) que, acreditava que a leitura do mundo começa desde a família, com o ensinamento dos pais, o contato com a natureza e com o convívio social. Essa leitura antecede o conhecimento dos signos que a pessoa adquire na escola. A Literatura de Cordel vem carregada de contextos históricos, fala da vida simples e difícil das pessoas, quando trabalhada em sala de aula ajudará o professor a fazer com que o aluno seja sujeito do conhecimento e se sinta parte deste conhecimento.

Muitos estudos realizados sobre Literatura de Cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um significativo número de pessoas. Essas pessoas por terem muito interesse nas histórias do Cordel viam-se inevitavelmente levadas a aprender a ler, para que soubessem o que estava escrito e poder repassar essa leitura e interpretação para as pessoas que as cercavam. Os livretos da Literatura de Cordel são eficazes, porque os seus versos são escritos de maneira a facilitar as sessões coletivas de leitura em voz alta, o que traz a mediação.

A literatura de folhetos produzida no Nordeste brasileiro desde o final do século XIX coloca homens e mulheres pobres na posição de autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas.

Em geral, associam-se esses papéis a pessoas da elite — se não financeira, ao menos intelectual —, mas, no caso dos folhetos, gente com pouca ou nenhuma instrução formal envolve-se intensamente com o mundo das letras, seja produzindo e vendendo folhetos, seja compondo e analisando versos, seja lendo e ouvindo narrativas.

O leque da Literatura de Cordel é tão extenso que a partir de uma aparentemente simples roda de amigos ao fim do dia para ouvir histórias rimadas, cantadas, declamadas ou recitadas, surge a possibilidade de formar-se deste ponto autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas, pois brota aí um envolvimento tão profundo e valoroso com o mundo das letras que as barreiras da falta de uma maior instrução intelectual são rompidas para o portal do conhecimento. Percebemos com clareza que uma literatura relativamente simples como a de cordel, pode sim influenciar grandiosamente, quem sabe, imensuravelmente de maneira positiva no quesito incentivo à leitura, e desta forma transmitindo conhecimento e informação.

### 3.2- A literatura de cordel na sala de aula

Rasgar as amarras do preconceito faz parte da construção da educação, e é rompendo com o óbvio modelo de ensino de leitura que surge a Literatura de Cordel na sala de aula como incentivo à leitura. Em um mundo cada vez menor e alunos cercados de tecnologia, faz-se necessário lançar mão de artifícios para atrair a atenção dos alunos para a leitura, visando à necessidade de promover o desenvolvimento pelo prazer de ler, incitando-os a ter uma aproximação maior com os livros, usando a Literatura de Cordel como ponto de partida para causar interesse pela busca de novos tipos literários.

Nesse contexto de trocas materiais e culturais, de busca pela informação e posterior utilização desta para construção do conhecimento, a linguagem se inscreve como sistema mediador de todos os discursos. Em função dessa potencialidade de mediar nossa ação sobre o mundo, de levar outros a agir, de construir mundos possíveis, aumenta a necessidade e a relevância de novas práticas educacionais relativas ao uso de diferentes gêneros textos e aos requisitos de um letramento adequado ao contexto atual.

Atrelado a uma boa leitura está: a boa interpretação, a boa escrita e a facilidade em se expressar oralmente, o trabalho de leitura precisa ser incentivado e exercitado continuamente para que possa tornar-se concreto.

A versatilidade que a Literatura de Cordel oferece, permite aos professores que trabalhem a transversalidade em sala auxiliando no desenvolvimento das competências da leitura, independente do componente curricular que trabalhe, pois a literatura de cordel aborda os mais diversos temas, sendo um grande parceiro para o professor usar na sala de aula, dependendo apenas de planejamento para facilitar a orientação do conhecimento que será repassado aos alunos.

Estreitar os laços do Cordel na sala de aula implica em mostrar a força cultural do Cordel como ferramenta paradidática na educação.

A literatura de cordel constitui, portanto, um poderoso instrumento na tarefa de estimular a leitura e incentivar os alunos na produção de seus próprios textos. Sendo assim, não é de admirar que, cada vez mais, seja usado o cordel por educadores em sala de aula e em oficinas de criação literária. Com essas ideias SOMBRA (2012, p.18ss), entre tantas utilidades do cordel, cita cinco delas, consideradas por ele as mais importantes:

1. Apresenta ao leitor novas possibilidades de narrativa;
2. Estimula a percepção de ritmo;
3. Amplia vocabulário;
4. Valoriza o vocabulário;
5. Estimula a expressão oral.

### 3.3- Sugestões de como trabalhar a literatura de cordel na sala de aula

#### 1ª) Leitura de cordel

Uma das primeiras formas de trabalhar a literatura de cordel na sala de aula é a leitura deste gênero textual. Podemos elaborar a seguinte questão: O que o aluno poderá aprender com esta aula? Com a experiência poderemos perceber que ele poderá conhecer, por

meio da leitura e da escuta, as características textuais da literatura de cordel; conhecer a estrutura da narrativa poética na poesia de cordel; desenvolver pesquisas e debates acerca das características regionais (região dos alunos); desenvolver a produção de textos que se enquadrem nas características da literatura de cordel.

As atividades exigiram certa duração para realizar-se. Para isto alguns conhecimentos prévios devem ser trabalhados pelo professor com o aluno. Por isso, para que a presente aula se efetive de forma exitosa, os alunos devem: conhecer as características estruturais do texto narrativo; as características estruturais do texto poético; e as concepções literárias que lidam com a temática social e regionalista.

Por meio de um debate, o professor poderá discutir com todos os alunos da turma quais as características de uma literatura considerada regionalista: utilização da variedade linguística de uma dada região; espaço da narrativa definido, (por exemplo: no nordeste brasileiro, no sertão ou agreste paraibano); narração de costumes, lendas e tradições que fazem parte de uma dada cultura regional. Para isso, podemos utilizar fragmentos de obras literárias e autores considerados regionalistas. Por exemplo: de José Lins do Rêgo, com fragmentos de Menino de Engenho; e de João Cabral de Melo Neto, Morte e Vida Severina. Estas obras possuem intenso caráter regionalista que se dá por meio de expressões populares, crenças, costumes, fauna e flora da região etc. Podemos fazer cópias dos trechos e distribuir para os alunos visualizarem tais características nas obras desses autores.

A leitura poderá ser desenvolvida em sala de aula e em voz alta. Caso possível, permitir que todos os alunos leiam um fragmento dos textos recortados. Se possível, exibir alguns vídeos que podem ser reproduzidos para os alunos conhecerem um pouco sobre os principais autores de literatura regionalista brasileira.

Após a leitura dos fragmentos das obras e a exibição dos vídeos, é importante que o professor discuta com os alunos o que foi apreendido acerca da literatura regionalista. Peça que os alunos anotem no caderno as características e comentários que surgirem da leitura dos trechos, da exibição dos vídeos, bem como dessa discussão final. Tais anotações auxiliarão nas próximas atividades.

O cordel é um gênero cujos textos contêm grande diversidade de temas. Outra maneira de trabalhar a leitura de cordel é chamada roda de leitura. Em uma roda de leitura, é importante selecionar aquele cordel que apresente o tema mais adequado ao público participante. Uma boa sugestão, portanto, seria abordar um tema que venha contribuir ao aprendizado do aluno, como por exemplo, a problemática da leitura na escola. Um cordel interessante para discutir este tema é *Desventuras de um analfabeto ou O homem que nunca*



*aprendeu a ler*, do poeta João Martins de Athayde. No cordel, ATHAYDE (1948, p.2) conta a história de um cidadão que perdeu seu negócio por ser analfabeto. A maioria das estrofes lamenta o analfabetismo e a falta de instrução. Veja a estrofe abaixo:

O livro é a lâmpada acesa  
Na noite da ignorância  
A nos mostrar a clareza  
Da mais desejada estância  
E quem um livro não pega  
Quem o saber arrenega  
Provoca repugnância.

O professor de Filosofia poderia, por exemplo, relacionar com o pensador medieval Hugo de São Vitor (1096-1141) que na sua obra o *Didascálicon*, trata sobre o ato de ler. O Mestre de São Vitor (2001, p.43.45) no Prefácio, afirma: “(...) *Não saber é questão de incapacidade, mas detestar o saber é perversidade da vontade*”. E, em outro trecho: “*Existem principalmente duas coisas por meio das quais uma pessoa adquire conhecimentos, ou seja, a leitura e a meditação. Destas, a leitura detém o primeiro lugar na instrução, e dela se ocupa este livro, dando as regras do ler*”.

Antes de iniciar a roda de leitura é importante preparar os participantes, acolhendo-os num ambiente que remeta ao cordel. Completando a ambientação poderia colocar uma música nordestina, de Luís Gonzaga, por exemplo, para a recepção. Assim que todos se sentarem em círculo, algumas perguntas podem ser feitas. Como, procurar saber se, pela ambientação preparada, imaginam o que será abordado nessa roda de leitura; se já conhecem algo sobre o cordel; se já leram ou ouviram algum texto desse gênero. É importante ouvir as informações e opiniões que o público traz para a roda. Mais adiante essas informações podem ser retomadas e complementadas.

Depois da leitura do cordel conversaria com os participantes da roda, possibilitando que exponham suas opiniões, deem sugestões, contem fatos relacionados ao texto, falem de vivências pessoais que se aproximam do tema ou do gênero. Desenvolva questões como: O que acharam do cordel apresentado? Qual é o tema abordado pelo poeta? Já conheciam seu autor?

A atividade levará os presentes a conhecer mais o universo cultural do cordel, ajudando desta forma os alunos a desenvolverem mais a habilidade da leitura, da expressão oral, da reflexão e da interpretação de texto.

## 2ª) Peça de teatro

Poderíamos chamar esta atividade, também, de teatro em cordel. E porque teatro em cordel? Porque conta e canta histórias em forma de cordel, dando ação à palavra rimada que, aliada à graça e dinâmica do ritmo, mantém vivo o interesse no espetáculo, da primeira ao último verso.

O objetivo da atividade é transmitir de forma dinâmica, o máximo de informação sobre nossa cultura, sobre os diversos temas abordados nas disciplinas – sem esquecer a diversão e lazer – tendo como pano de fundo a Educação, utilizando-se de um meio de expressão ao vivo, de ação e reação: o Teatro.

Se contando um conto, acrescentamos sempre novo ponto, no teatro em cordel acrescentam-se pontos diversos diante de qualquer tema proposto na aula de qualquer disciplina. Utilizando instrumentos típicos, o aluno-ator situa a platéia nas origens da Literatura de Cordel. Segue-se a encenação da peça de teatro em cordel. O encerramento poderia se dá com um dos participantes da peça cantando, enquanto puxa motes e refrão da platéia. Assim, o teatro em cordel, com sua linguagem cênico-musical, irá cumprir sua função educativo-cultural, sem deixar de ser, naturalmente, entretenimento e lazer.

A partir da leitura do cordel (encenada, cantada ou recitada com mímica) apresentando uma temática impactante que toca a realidade do aluno no ensino médio, demonstramos que a linguagem desta expressão literária, com seu poder de síntese e dinamismo, tanto podem ilustrar aulas de Filosofia, quanto de Sociologia, História, Geografia, Língua Portuguesa, Ciências, entre outras.

## 3ª) Sarau ou recital de cordel

Um sarau (do latim *seranus*) é um evento cultural ou musical realizado geralmente em casa particular onde as pessoas se encontram para se expressarem ou se manifestarem artisticamente.

O sarau pode envolver dança, poesia, leitura de livros, música acústica e também outras formas de arte como pintura, teatro e comidas típicas. Era um evento bastante comum no século XIX que vem sendo redescoberto por seu caráter de inovação, descontração e satisfação.

Consiste em uma reunião festiva que ocorre à tarde ou no início da noite , apresentando concertos musicais, serestas, cantos e apresentações solo, demonstrações, interpretações ou performances artísticas e literárias.

Atualmente, algumas escolas e faculdades promovem saraus para estimular o desenvolvimento cultural de seus alunos. Bem como grupos e associações artísticas e culturais.

Hoje em dia, o termo virou uma denominação geral de encontros lítero-artísticos, que podem acontecer também durante a noite, ou em qualquer horário, em lugares fechados ou abertos, com diversas manifestações culturais, inclusive com instrumentos eletro-eletrônicos e equipamentos digitais, mantendo sempre a característica de confraternização.

Após a produção dos textos em cordel, proponha aos alunos desenvolver um sarau ou recital. Discuta com eles a natureza do recital. Por exemplo: os textos serão recitados somente para os colegas da turma? Cada aluno recitará uma poesia completa ou somente alguns versos? Serão convidadas outras turmas da escola? Será um evento aberto aos familiares dos alunos?

Após ter decidido a natureza do recital, é importante que seja desenvolvido ensaios com os alunos, visando: aprimorar a leitura expressiva e poética; construir possíveis cenários e figurinos; organizar a ordem e o tempo de duração das apresentações. Como o ensaio para o recital é imprescindível, os mesmos deverão ocorrer em momento anterior ao dia da atividade. O recital de poesias é uma atividade de intenso valor poético, literário, cultural e linguístico. Contribuirá, portanto, para os alunos desenvolverem, de forma lúdica, a criatividade e a expressão oral próprias desta atividade.

#### 4ª) Produção de cordel na sala de aula

Para a efetivação dessa atividade, o aluno deve compreender as características da Literatura de Cordel e conhecer parte da cultura popular de sua região.

A partir das discussões empreendidas em classe sobre literatura regionalista, literatura de cordel, cultura popular da região, bem como das anotações feitas pelos alunos (ver acima: Leitura de cordel), será proposto ao aluno: produzir, individualmente, um texto literário que se enquadre nas características da literatura de cordel; utilizar como temática da narrativa em versos o conteúdo compartilhado acerca de um tema em questão; utilizar as características de impressão tradicional do cordel (folha de papel comum dobrada ao meio e

capa com papel colorido); se possível, produzir colocar uma ilustração que seja semelhante à xilogravura.

No encerramento poderá propor aos participantes que, em pequenos grupos, tentem criar uma sextilha (estrofe de seis versos) sobre um tema determinado; por exemplo, a importância do ato de ler, ou outro que julgar interessante. Dê-lhes um tempo de 15 minutos para isso. Terminado o prazo, os grupos que conseguiram criar seu texto leem para todos. Tudo isso, de certa forma, levará os presentes a conhecer mais o universo cultural do cordel, ajudando de forma lúdica os alunos a desenvolverem mais a habilidade da leitura, da expressão oral e da interpretação de texto. No entanto, não seria bom exigir textos muito extensos, já que o objetivo é que os alunos produzam um texto artístico.

#### 5ª) Uma avaliação diferente

Já que colocamos aqui propostas para trabalhar a literatura de cordel na sala de aula, vemos que a mesma se apresenta de forma diferente, daí a necessidade de também propor uma forma de avaliação diversa dos modelos tradicionais.

Propomos, portanto que, após a realização de qualquer uma das propostas didáticas acima, o aluno possa ser avaliado a partir de alguns critérios, como por exemplo: a compreensão do conceito de literatura regionalista; a compreensão das características, peculiaridades e origem da Literatura de Cordel; a pesquisa, discussão e organização das informações sobre a cultura popular de sua região; a produção de um texto literário que comunge com as características do cordel e a temática regionalista da região; a organização, a preparação e a dedicação na atividade realizada.

Neste modelo de avaliação de aprendizagem devemos fazer uma observação. Ao avaliar o desempenho dos alunos, por exemplo, em um sarau ou recital de poesias (sugestão C), nem sempre é fácil. Alunos que, de repente, se dedicaram bastante, podem não se sair muito bem no que tange à expressividade poética. Busquemos, portanto, caminhos avaliativos que equilibrem esses fatores.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da defasagem apresentada no processo de ensino-aprendizagem dos alunos no Ensino Médio percebemos a importância do professor estar bem preparado quanto à base teórica que utilizará em qualquer trabalho a ser desenvolvido. Faz-se, necessário uma urgente tomada de atitude diante do problema verificado. A nossa proposta é escolher uma prática de ensino que se aproxime da realidade cotidiana do aluno, fazendo o mesmo conhecer e respeitar sua identidade cultural.

O presente trabalho propõe o uso da literatura de cordel como prática de ensino escolhida e desenvolvida junto às turmas do Ensino Médio. A partir da nossa experiência pessoal e pesquisa bibliográfica aqui apresentada acreditamos que esta prática propiciará experiências significativas tanto para os alunos, quanto para uma contínua formação do professor. Oportunizará o conhecimento da poesia popular e também a reflexão sobre temáticas diversas, bem como o desfrutar do prazer e do encanto que esses textos literários podem suscitar.

A literatura de cordel possibilita a discussões de vários temas. O seu uso na sala de aula levará o aluno do Ensino Médio a refletir e a questionar a sua realidade humana. Assim, tanto o professor de Filosofia, como de outras disciplinas como Sociologia, História, Geografia e Língua Portuguesa, poderão utilizar esta ferramenta para dinamizar suas aulas.

Vimos a partir da história da literatura de cordel, sua importância cultural e educacional. Por isso, um grande número de estudiosos na área de ciências humanas vem procurando utilizar a literatura de cordel como fonte de pesquisa em seus trabalhos.

Durante muito tempo, o cordel serviu como o jornal do povo em que, sob a forma de poesia, comunicava acerca dos acontecimentos regionais, nacionais e internacionais, além entreter seu público leitor-ouvinte com histórias criativas e inventivas. Na atualidade os folhetos de cordel, além das feiras, circulam em vários locais, como universidades e escolas. No ambiente escolar a literatura de cordel pode ser usada como um recurso pedagógico e paradidático pelos professores em diferentes disciplinas.

Alerto, no entanto, que este trabalho não seja caracterizado como um resgate cultural, por acreditarmos que este termo não seria adequado. O termo resgate nos remete a ideia de trazer algo de volta ao seu lugar, fazer voltar ou retornar, o que não foi o caso, pois

até então, a literatura de cordel, assim como outras formas de expressão da cultura popular, não foram introduzidas no contexto escolar.

Buscou-se aqui, apenas, apresentar a necessidade de uma reflexão sobre a Literatura de Cordel como ferramenta que pode contribuir para um melhor desempenho do aprendizado no Ensino Médio. Portanto, é relevante mostrar essa arte aos alunos, para que os mesmos ao entrarem em contato com essa literatura sejam alertados para o fato do multiculturalismo e não fiquem presos a formas literárias, bem como conhecerem um pouco do seu país e de sua cultura.

Não podemos negar que devido ao uso de novas tecnologias pela população o papel importante do cordel que era de informar o homem do campo, ficou enfraquecido, o qual só tinha acesso à informação, mídia, e educação por meio do cordel nas feiras populares do interior.

É evidente que a tecnologia trouxe uma nova perspectiva educacional e de forma alguma fica a repreensão ao seu uso. Entretanto, devido a outros fatores também, seu uso contribuiu ao longo do tempo para a perda do caráter informativo do cordel nas feiras populares, tornando essa arte mais um meio de expressão, de opinião, de literatura popular.

Levar o cordel para a sala de aula é contextualizar o aluno no meio social e reafirmá-la como identidade não somente do povo nordestino, mas do povo brasileiro. Por conseguinte, é sempre importante ressaltar, que a sociedade contemporânea não valoriza a cultura popular, deixando-a a margem do processo educativo, mascarando por vezes, sua riqueza, esta perdida no tempo e fadada ao esquecimento. Por isso, não podemos deixar de considerar que a literatura de cordel tem contribuído para a formação da identidade do povo brasileiro, desde sua chegada ao Brasil até os dias atuais.

Enfim, o uso da Literatura de Cordel no Ensino Médio aproxima os alunos da cultura popular, incentiva o gosto pela leitura, aprimora a escrita ao permitir a reflexão sobre a diferença entre a língua falada e a escrita, desenvolve a criatividade e espontaneidade, leva a reflexão da sua realidade, contribuindo assim no processo de ensino-aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Coleção: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

ATHAYDE, João Martins de. Desventuras de um analfabeto. Recife, 06.04.1948.

BRITO, Antonio Iranildo Alves de. Patativa do Assaré: porta-voz de um povo: as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010.

CASCUDO, Luis da Câmara. Cinco livros do povo: Introdução ao estudo da novelística no Brasil. 2ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. Coleção documentos brasileiros

DESOTI, Carolina. Filosofia Medieval, amor e cordel. Filosofia. São Paulo, ano VI , n. 70, maio de 2012

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1988.

HAURÉLIO, Marcos. Literatura de cordel: do sertão a sala de aula. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2013 Coleção Ler+mais.

\_\_\_\_\_ Breve história da literatura de cordel. São Paulo: Claridade, 2010.

LUCIANO, Aderaldo. Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro. Rio de Janeiro: Edições Adaga – São Paulo: Editora Luzero, 2012.

LUYTEN, Joseph Maria. O que é literatura de cordel? São Paulo: Brasiliense, 2007. Coleção primeiros passos.

MEYER, Marlyse Meyer (seleção de textos e estudo crítico). Autores de cordel. São Paulo: Abril Educação, 1980.

PROENÇA, Ivan Cavalcante. A ideologia do cordel. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1977.

SÃO VÍTOR, Hugo de. Didascálicon – Da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. Vertentes e evolução da literatura de cordel. Rio de Janeiro : Gonçalo Ferreira Studio Gráfico, 1994.

SOMBRA, Fábio. Proseando sobre cordel. Minas Gerais: Editora Lê, 16 pgs.

SOUSA, Liêdo Maranhão de. Classificação popular da Literatura de Cordel. Petrópolis: Vozes, 1976.

TAVARES, Braulio. Contando histórias em versos: Poesia e Romanceiro Popular no Brasil. 1ª edição. São Paulo: Editora 34, 2005.

TERRA, Rute Brito Lêmos. Memória de luta: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930). São Paulo: Global, 1983.

VIANA, Arievaldo. Acorda cordel na sala de aula. Fortaleza: Tupynanquim; Queima-Bucha, 2006.